

PAULO HENRIQUE VIEIRA DE MACEDO

# CORPOS DÓCEIS:

os mecanismos invisíveis evidenciados por Michel Foucault

UNIEDUSUL  
EDITORA



PAULO HENRIQUE VIEIRA DE MACEDO

**CORPOS DÓCEIS: OS MECANISMOS INVISÍVEIS EVIDENCIADOS POR  
MICHEL FOUCAULT**



2020 Uniedusul Editora  
Copyright da Uniedusul Editora  
Editor Chefe: Profº Me. Welington Junior Jorge  
Diagramação e Edição de Arte: André Oliveira Vaz  
Revisão: Os autores

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

M141c Macedo, Paulo Henrique Vieira de.  
Corpos dóceis [recurso eletrônico] : os mecanismos invisíveis  
evidenciados por Michel Foucault / Paulo Henrique Vieira de  
Macedo. – Maringá, PR: Uniedusul, 2020.

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-65-86010-47-3

1. Foucault, Michel, 1926-1984. 2. Poder (Filosofia). 3. Controle  
social. 4. Ciência política. I. Título.

CDD 320.01

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**



O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de  
responsabilidade exclusiva dos autores.

Permitido fazer download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos  
autores, mas sem de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.uniedusul.com.br](http://www.uniedusul.com.br)

## **APRESENTAÇÃO**

A sensibilidade, destreza e empoderamento de um processo de aproximação à escrita de Michel Foucault, confere a esse trabalho intitulado, *Corpos Dóceis: os mecanismos invisíveis evidenciados por Michel Foucault, provocações no amago da alma sobre o papel das Instituições, e sua intencionalidade num projeto de docilização dos sujeitos através de mecanismos imperceptíveis que coagem, organizam, adestram e hierarquizam as relações de poder.* Nesse estudo, encontrar-se-ão algumas características advindas do Livro *Vigiar e Punir: nascimento da prisão* e um estudo bibliográfico sobre essas temáticas que fabricam efeitos homogêneos de poder e controle social. Ver-se ainda, algumas passagens retratando sobre o panóptico de Jeremy Bentham, o qual, como compreende o filósofo francês é a perfeição do laboratório de poder criado pelo homem como “anatomia” política para dar vida às relações de disciplina e controle. Dito isso, percebe-se que essas estruturas de controle são potencialmente alimentadas pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) e sua rede de interligações que vão desde a produção de apetrechos tecnológicos, a redes que interligam as pessoas numa constante demonstração niilista de bem estar e sucesso, catalisando os efeitos do poder de controle sobre os indivíduos na sociedade, ditando regras, posturas e poder de fala a todas as pessoas.

**Paulo Henrique Vieira de Macedo**

**Licenciado em Filosofia**

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>07</b>
<b>CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A FILOSOFIA FOUCAULTIANA.....</b>	<b>10</b>
<b>DOCILIZAÇÃO DOS CORPOS SOCIAIS.....</b>	<b>18</b>
<b>O ADESTRAMENTO.....</b>	<b>24</b>
<b>O INSTRUMENTO PANÓPTICO.....</b>	<b>30</b>
<b>A HERANÇA DE MICHEL FOUCAULT PARA A FILOSOFIA.....</b>	<b>35</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>40</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>42</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>44</b>

## RESUMO

O filósofo Michel Foucault utilizou como pilar as relações de poder, principalmente nos séculos XVI a XVIII, como uma matriz de estudos filosóficos. Para tal proeza, utilizou-se dos mais variados registros (cartas, regimentos, documentos, normas, lições, etc.). Por meio destes, deu vida a uma filosofia radical e crítica, a ponto de especializar-se em três estruturas metodológicas de investigação: a arqueologia, genealogia e a ética. Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo analisar a perspectiva de Michel Foucault em relação aos mecanismos sociais que produzem os corpos dóceis. Conduzido por uma pesquisa bibliográfica que tem como fonte primária o livro Vigiar e Punir: nascimento da prisão, e o banco de artigos da Scientific Electronic Library (SCIELO), nos anos de 2005 a 2014, com as palavras-chave: Michel Foucault e Corpos Dóceis. Os principais resultados evidenciam que existe uma clara relação de poder, por meio de mecanismos coercitivos, que simbolicamente vivem nas relações sociais entre os sujeitos. Estes promovem a disciplina, ordem, organizam a vigilância hierarquizada, adestram e constroem estruturas invisíveis, que fabricam efeitos homogêneos de poder e controle social. Nesse conjunto de mecanismos, o panóptico de Bentham é a figura arquitetural utilizada por Michel Foucault que exemplifica a “perfeição” do laboratório de poder, criado pelo próprio homem como “anatomia política” para dar vida às relações de disciplina e controle. Atualmente esses mecanismos são potencializados pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC’s) que abertamente efetivam as relações de poder no mundo contemporâneo.

**Palavras-Chave:** Michel Foucault. Relações de Poder. Corpos Dóceis.

## ABSTRACT

The philosopher Michel Foucault used as a pillar power relations, especially in the XVI to XVIII, as an array of philosophical studies. For this feat, we used the most varied records (letters, regulations, documents, standards, lessons, etc.). Through these, gave life to a radical and critical philosophy, point to specialize in three methodological research structures: archeology, genealogy and ethics. Thus, this study aims to analyze the perspective of Michel Foucault in relation to social mechanisms that produce docile bodies. Led by a literature whose primary source book Discipline and Punish: the birth of the prison, and the bank of articles from Scientific Electronic Library (SciELO) in the years 2005 to 2014 with the keywords: Michel Foucault and Bodies docile. The main results show that there is a clear power relationship through coercive mechanisms, which symbolically living in social relations between the subjects. These promote discipline, order, organize the hierarchical surveillance, Dressage and build invisible structures that produce homogeneous effects of power and social control. In this set of mechanisms, the panopticon of Bentham is the architectural figure used by Michel Foucault who exemplifies the "perfection" of the power lab, created by the man himself as "political anatomy" to give life to the relations of discipline and control. Currently these mechanisms are enhanced by Information and Communication Technologies (ICTs) that openly actualize the power relations in the contemporary world.

**Keywords:** Michel Foucault. Power Relations. Docile Bodies.

Em meio aos correntes significados utilizados pelos seres humanos para descreverem sua realidade, o conceito de filosofia generalizou-se como uma ideia de busca pelo saber. Foi Pitágoras que fez a distinção entre sophia, o saber, e a filosofia, que seria a “amizade ao saber”.

Com isso estabeleceu-se, já desde sua origem, uma diferença de natureza entre a ciência, enquanto saber específico, conhecimento sobre um domínio do real, e a filosofia que teria um caráter mais geral, mais abstrato, mais reflexivo, no sentido da busca dos princípios que tornam possíveis o próprio saber. (JAPIASSÚ, 2006).

O filósofo é o sujeito que utiliza a filosofia para abrir seu campo de visualizações sobre as correntes situações que o envolvem. É partindo dessa perspectiva, que o presente estudo trata da filosofia de Michel Foucault, um sublime representante da filosofia moderna e contemporânea.

Paul Michel Foucault nasceu no dia 15 de outubro de 1926 na cidade de Poitiers, França. Filho do cirurgião Paul Foucault, professor de anatomia na escola de Medicina de Poitiers e de Anne Malapert. Francine é a irmã mais velha e Denys o mais novo. Sua família segue uma nítida tradição católica e burguesa. Michel Foucault traçou seu próprio caminho. Desde cedo, demonstrou interesse pela história. Era uma pessoa curiosa, o que fazia com que buscasse, por conta própria suas leituras. Formou-se em História, Filosofia e Psicologia. Conviveu com outros importantes filósofos, entre eles: Jean Paul Sartre, Pierre Bourdieu. Como pano de fundo, Michel Foucault vivia os tormentos da Segunda Guerra Mundial. Morreu em 25 de junho de 1984, com 57 anos.

O filósofo Michel Foucault teve uma vida muito conturbada, foi professor universitário em várias instituições pelo mundo, inclusive, em 1965 realizou a primeira viagem ao Brasil, para participar de reuniões de estudos em São Paulo. Construiu nesse enredo, uma filosofia carregada de críticas, com tematização de questões concernentes à loucura, à disciplina, à moral. Seus estudos lançaram uma nova luz sobre as possibilidades epistemológicas no campo das ciências humanas e sociais.

Ocupou-se com uma pluralidade de temáticas e apresentou uma novidade no campo filosófico, que foi o envolvimento de métodos a fim de extrair o máximo de notoriedade de

suas pesquisas feitas nas bibliotecas. Por isso, alguns autores reforçam a tese de que Michel Foucault desdobrou-se em três dimensões: a do dever para com a verdade, acima e além dos compromissos com métodos e filiações ideológicas; a do esforço analítico exaustivo, sem pressupostos e sem fronteiras; e a da busca de um olhar novo sobre os temas e as teorias. (THIRY-CHERQUES, 2010).

A particularidade desse filósofo deu-se no momento do percurso metodológico, no qual utilizou-se de três ferramentas: arqueologia, genealogia e ética.

A arqueologia tem sua origem na visão kantiana na determinação da possibilidade de conhecer. A genealogia, deriva da ideia de Nietzsche da impossibilidade de nos libertarmos da nossa própria condição e da nossa história. (THIRY-CHERQUES, 2010). E a ética, que se refere à subjetivação dos sujeitos. (FERREIRINHA; RAITZ, 2010).

Nesse meio, promoveu crescentes críticas sobre o papel das instituições sociais, como as escolas, os quartéis, hospitais, sanatórios, que agem como instituições de sequestro que docilizam os corpos dos sujeitos em comportamentos pré-determinados vigiando e punindo, quando necessário.

É desse frutífero contexto, que o presente estudo tem como objetivo geral analisar a perspectiva de Michel Foucault em relação aos mecanismos sociais que produzem os corpos dóceis, anotando características fundamentais que intensificam os fatos no meio social que revelam até que ponto as disciplinas são importantes para a formação do sujeito social. Ou seja, a visão apresentada parte do paradigma das ciências humanas, com foco na Filosofia, fugindo dessa forma da perspectiva biologicista incorporada pela Medicina.

Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa é de natureza qualitativa, utilizando-se dos seguintes procedimentos: pesquisa bibliográfica que tem como fonte primária o livro Vigiar e Punir: nascimento da prisão, e o banco de artigos da Scientific Electronic Library (SCIELO), nos anos de 2005 a 2014, com as palavras-chave: Michel Foucault e Corpos Dóceis.

O trabalho está organizado em seis seções, além desta introdução. Inicia-se na segunda seção a abordagem sobre as considerações gerais da filosofia foucaultiana, contemplando os conceitos básicos, as proposições argumentativas e as fases metodológicas de Michel Foucault.

Na terceira seção são evidenciadas as características presentes na docilização dos corpos sociais e evidenciadas as principais instituições que fazem uso dessa modalidade

de controle. A quarta seção, descreve radicalmente como essa docilização dos corpos é realizada, por meio do adestramento, discriminado pela sanção normalizadora, hierarquia e o exame.

Na quinta seção o instrumento panóptico de Jeremy Bentham é utilizado como arcabouço estrutural do mecanismo de controle social. Já na sexta seção, visualiza-se a herança de Michel Foucault no campo filosófico, e suas influências no grupo de filósofos contemporâneos.

E por fim, são tecidas as considerações finais do estudo. A meta deste trabalho filosófico ao público leitor é de promover provocações a respeito da importância da filosofia foucaultiana, especialmente, àquele referente ao estudo dos corpos sociais. Por isso, tenham boas reflexões.

# CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A FILOSOFIA FOUCAULTIANA

A filosofia estreia no palco epistêmico como um recurso sofisticado e apurado de investigar expressões que até então são traçadas no âmbito do desafio perante os cientistas.

Nessa expressividade característica de personificação, as investigações filosóficas tornam-se reais e aos poucos vão descobrindo, não soluções, mas caminhos metodológicos para situações comuns no nosso dia a dia.

Desse modo, num coro contínuo e crítico de busca por algo incerto, vários filósofos tornam-se célebres por seus modos particulares e inovadores de ver a perspectiva do homem no seu hábitat comum, a sociedade. Nesse caminho, o francês Paul Michel Foucault, nascido em 15 de outubro de 1926 é o alvo dos trabalhos que segue abaixo, principalmente no que se refere às relações de forças que indiretamente coagem os indivíduos, prendendo-os e invisivelmente vigiando-os.

Os trabalhos de Michel Foucault funcionam como estruturas norteadoras nas relações de poder. Além disso, sua filosofia tem uma aplicabilidade extensa em várias áreas do conhecimento, tornando-se difícil de sistematizá-la. Veiga-Neto (2011, p. 11) deixa claro que:

Mas, apesar disso, aqui não se trata de cultuar um autor e sua obra. Não se trata, tampouco, de pensar que ele tem a chave, a solução, a verdade; nem mesmo de pensar que ele chegou mais perto de uma suposta verdade. Trata-se, tão somente, de colocar em movimento uma vontade de saber.

A filosofia não deve ser entendida como um manual de respostas para problemas dos homens. O ato filosófico está entre o raciocínio e a prática dos atos dos seres pensantes.

Michel Foucault é sem dúvida, um grande estimulador. O real filósofo é aquele que exprime fatos da realidade para que as pessoas, tão acostumadas com o monótono dia a dia, sejam alertadas sobre seu “estado de dormência” que se aloja e perpetua na vida, tornando desconhecida a verdade. Para exemplificar isso, Rorty (1988, p.286 apud VEIGA-NETO, 2011, p. 16) esclarece os tipos de filósofos.

Os grandes filósofos sistemáticos são construtivos e oferecem argumentos. Os grandes filósofos edificantes são reativos e oferecem sátiras, paródias, aforismos. Eles são intencionalmente periféricos. Os grandes filósofos edificantes destroem para o bem de sua própria geração. Os filósofos sistemáticos querem colocar o seu tema no caminho seguro de uma ciência. Os filósofos edificantes querem manter o espaço aberto para a sensação de admiração que os poetas podem por vezes causar – admiração por haver algo de novo debaixo do Sol, algo que não é uma representação exata do que já ali estava.

Michel Foucault é edificante, pois parte da incongruência e desarmonia oriunda da vida; não constrói métodos fixos de investigação, porém, deixou um legado histórico analítico de muitos fatos do período clássico e moderno em suas obras, que se tornaram algo analisável e de certa forma revelador sobre a disciplina, o controle imposto no modo de organização da sociedade. Cabe destacar que Michel Foucault não aprovou ser utilizado como modelo, ou seja, não escreveu uma filosofia foucaultiana, como marca Veiga-Neto (2011, p. 21).

Foucault aponta para o fato de que não há muito sentido em alguém se declarar foucaultiano, visto que segui-lo significa, necessariamente, tentar sempre usá-lo e ultrapassá-lo, deixando-o para trás. Assim, ser fiel à sua filosofia significa, ao mesmo tempo, ser-lhe infiel, sem que aí exista necessariamente uma contradição.

Por isso, Alfredo Veiga Neto, um estudioso de Michel Foucault no Brasil, deixa claro, que “a crítica foucaultiana não tem aquele caráter salvacionista e messiânico que é tão comum nos discursos pedagógicos” (VEIGA-NETO, 2011, p.26). Um traço marcante dessa filosofia é a problematização das estruturas que coagem e acabam encarcerando as pessoas. Dessa forma, a maioria de seus estudos partiu de uma análise histórica, repleta de achados do tipo documental: diários, narrações de fatos comuns, principalmente no período clássico, XVI a XVIII. Michel Foucault não se interessa pela escrita institucionalizada. Dedicar-se a tudo que pode escapar a isso, o discurso anônimo, o discurso do cotidiano, o que dizem os loucos, os operários é esta linguagem que lhe interessa cada vez mais. (FOUCAULT, 2001 apud THIRY-CHERQUES, 2010).

O estreitamento de uma realidade com recorte de tempo-espaço, baseado em fatos marcantes de instituições como: fábricas, colégios, hospitais, sanatórios, quartéis,

é o plano de estudos que desperta a transição epistemológica de suas “fases” – arqueologia, genealogia e ética. Thiry-Cherques (2010, p. 215) reforça a ideia de transcendência dos seus resultados: “para além da tematização de questões concernentes à loucura, à disciplina, à moral, seus estudos lançaram uma nova luz sobre as possibilidades epistemológicas no campo das ciências humanas e sociais”.

Dentro de um processo contínuo, suas investigações evoluem de pesquisa a pesquisa. Thiry-Cherques (2010, p. 219-220) identifica alguns passos essenciais da pesquisa.

1- a identificação das práticas discursivas e dos atos materiais (não discursivos); 2- a determinação das descontinuidades, isto é, da emergência e do desaparecimento de conformações das subjetividades e da objetividade social expressa nos saberes; 3- a análise, e não a interpretação, desses elementos, que se dá simultaneamente a cada identificação e a cada determinação.

Michel Foucault nos ensina a construir a pesquisa como o jurista constrói a prova: partindo do que aí está, buscando os seus elementos constituintes, discutindo-os até a conclusão que pareça inevitável. Mas ele não nos deixa esquecer que tudo isto é efêmero, que nós vivemos sem referências e sem coordenadas originárias, imersos em miríades de acontecimentos perdidos. (FOUCAULT, 1979 apud THIRY-CHERQUES, 2010).

### **As Fases de Michel Foucault**

O estudo didático dos períodos que retratam as particularidades do filósofo Michel Foucault não é bem aceito por alguns pesquisadores. No entanto, para a primazia da análise proposta nesse trabalho, a classificação das fases cronometodológicas terá por base a perspectiva de Alfredo Veiga Neto.

Cada fase corresponde a um problema principal colocado pelo filósofo e uma especificação metodológica. Deleuze (1991) sugere que a cada fase pode-se fazer corresponder uma das perguntas fundamentais que nortearam Michel Foucault “que posso saber?”, “que posso fazer?”, e “quem sou eu?”.

Em seus estudos, pautaram-se três fases: arqueológica, genealógica e a ética.

A fase arqueológica corresponde às obras que vão da História da loucura (1961) até a A arqueologia do saber (1969), passando por O nascimento da clínica e As palavras e as coisas. Na segunda fase – genealógica –, começa com A ordem do discurso (1971) e vai até o primeiro volume de História da Sexualidade – a vontade de saber (1976), passando por Vigiar e Punir. A terceira fase – ética –, pertencem os volumes 2 e 3 de História da Sexualidade – o uso dos prazeres e o cuidado de si –, publicados pouco mais de um mês antes da morte de Michel Foucault, em 1984. (VEIGA-NETO, 2011).

Cada fase epistêmica aplicada por Michel Foucault caracteriza a aplicabilidade de um recurso metodológico. O da arqueologia tem sua origem na questão kantiana da determinação da possibilidade de conhecer, e o da genealogia, deriva da ideia de Nietzsche da impossibilidade de nos libertarmos da nossa própria condição e da nossa história. E a ética, é um roteiro de auto elucidação, que vai desde a moral, entendida como os valores e as regras que emanam dos aparelhos institucionais, até a maneira como cada um de nós se constitui como sujeito ético de um código. (THIRY-CHERQUES, 2010).

Vejamos como Veiga-Neto (2011, p. 45-46), anota a definição de arqueologia:

Se trata de um procedimento de escavar verticalmente as camadas descontínuas de discursos já pronunciados, muitas vezes de discursos do passado, a fim de trazer à luz fragmentos de ideias, conceitos, discursos talvez já esquecidos. A partir desses fragmentos – muitas vezes aparentemente desprezíveis – pode-se compreender as epistemes antigas ou mesmo a nossa própria epistemologia e entender *como* [e logo em seguida *por que*] os saberes apareciam e se transformavam.

Michel Foucault verificou com “precisão” as cartas, regimentos, diários, regulamentos, etc., de um período histórico (XVI a XVIII), como se fizesse um recorte no espaço e tempo, anotando com minuciosa destreza os fatos perpassados pelas pessoas. É por essas questões, que na *História da loucura*, Michel Foucault percebe a relação intrínseca entre o poder e a loucura, nos sanatórios quando observa o doente e o médico. Destacado por Pereira (2003, p. 82-83).

Ao poder do médico em tomar decisões fundamentais sobre a vida do outro. É através do corpo que o poder em estado de força age sobre as

mentes. Corpo submetido a um sistema de coerção moral onde o sujeito revela um sentido ontológico nulo e vazio.

O termo arqueologia surge duas vezes em títulos de obras de Foucault – As palavras e as coisas. Uma arqueologia das ciências humanas (1966) e A arqueologia do saber (1969) – e caracteriza até o início da década de 1970 o método de pesquisa do filósofo. Uma arqueologia não é uma “história”, na medida em que se trata antes de reconstituir um campo histórico, Michel Foucault, na verdade, trabalha diferentes dimensões (filosófica, econômica, científica, política, etc.) com o propósito de obter as condições de emergência dos discursos do saber em uma dada época. Ao invés de estudar a história das ideias em sua evolução, ele se concentra, por conseguinte, em recortes históricos precisos – particularmente a Idade Clássica e o início do século XIX – , a fim de descrever não só a maneira pela qual os diferentes saberes locais se determinam a partir da construção de novos objetos que surgiram num determinado momento, mas também como eles se correspondem entre si e descrevem de maneira horizontal uma configuração epistêmica coerente. (REVEL, 2011).

O termo arqueologia, provavelmente, alimentou a identificação de Michel Foucault na corrente estruturalista – na medida em que parecia atualizar uma verdadeira estrutura epistêmica cujos diferentes saberes teriam sido somente variantes –, a interpretação foucaultiana é outra. (REVEL, 2011).

No interior de “arqueologia”, encontram-se tanto a ideia da arca, isto é, da concepção, do princípio, da emergência dos objetos de conhecimento, quanto a ideia do arquivo – o registro desses objetos. Todavia, do mesmo modo como o arquivo não é o rastro perdido do passado, a arqueologia visa, na verdade, ao presente. Questionar a historicidade dos objetos do saber é, de fato, problematizar nosso próprio pertencimento ao mesmo tempo a um dado sistema de “discursividade” e a uma configuração do poder. O abandono do termo “arqueologia” em benefício do conceito de “genealogia”, bem no início da década de 1970, insistirá na necessidade de redobrar a leitura “horizontal” das discursividade por meio de uma análise vertical – direcionada ao presente – das determinações históricas de nosso próprio regime de discurso. (REVEL, 2011).

A genealogia é vista como uma “história que tenta descrever uma gênese no tempo” (VEIGA-NETO, 2011 p. 56). EWALD (2004, p. 31) define genealogia como uma investigação que “se opõe à unicidade da narração histórica e da origem das coisas e

dos atos: ela trabalha a partir da diversidade e da dispersão, da aleatoriedade dos começos e dos acidentes, da singularidade dos acontecimentos”.

Desde a publicação de *As palavras e as coisas* (1966), Michel Foucault qualifica seu projeto de uma arqueologia das ciências humanas mais como uma “genealogia nietzschiana” do que como uma obra estruturalista. É exatamente por ocasião de um texto a respeito de Nietzsche que Michel Foucault retoma esse conceito: a genealogia é uma investigação histórica que se opõe ao desdobramento meta-histórico das significações ideias e das indefinidas teologias, o qual se opõe à unicidade da narrativa histórica e à busca da origem, e que procura, inversamente, a singularidade dos acontecimentos à parte de qualquer finalidade monótona. A genealogia trabalha, portanto, a partir da diversidade e da dispersão, do acaso dos princípios e dos acidentes: de forma alguma ele deseja voltar no tempo para restabelecer a continuidade da história, mas procura, em contraposição, restituir os acontecimentos em sua singularidade. (REVEL, 2011).

A abordagem genealógica não é, todavia, um simples empirismo. O método genealógico é uma tentativa de desassujeitar os saberes históricos, isto é, de torná-los capazes de se opor e de lutar contra “a ordem do discurso”; isso significa que a genealogia não busca somente o passado, a marca de acontecimentos singulares, mas que ela se questiona a respeito da possibilidade dos acontecimentos nos dias de hoje. (REVEL, 2011).

Michel Foucault cuida para que suas análises genealógicas nem “reifiquem” o poder, nem o tomem antecipadamente como algo que emana de um centro – como o Estado. A genealogia não tem como objetivo formar ciência, construir teoria ou sistema, apenas realizar análises fragmentárias e transformáveis (VEIGA-NETO, 2011). Ela completa o procedimento crítico e axiológico de Nietzsche (1844-1900) definindo, pela primeira vez, a genealogia como o método apropriado para escrever a “verdadeira história da moral”. A genealogia permite a Nietzsche desarmar as filosofias que se contentaram em fundar a moral (idealismo) ou em buscar a origem última da moral (utilitarismo, evolucionismo) e em combater ferozmente o cristianismo. (CAMUS, et al, 2010).

A cada nova tese, as fases cronometodológicas vão começando a se interpenetrar. Miguel Morey (1991, p.14 apud VEIGA-NETO, 2011, p.63) faz uma sutil distinção entre a arqueologia e a genealogia.

A diferença entre arqueologia e genealogia é aquela que existe entre um procedimento descritivo e um procedimento explicativo: a arqueologia pretende alcançar um certo modo de descrição (liberado de toda “sujeição antropológica”) dos regimes de saber em domínios determinados e segundo um corte histórico relativamente breve; a genealogia tenta, recorrendo à noção de “relações de poder”, o que a arqueologia deveria contestar-se em descrever.

Por fim, a terceira parte de seus trabalhos enaltece a abordagem ética na Antiguidade grega e romana e analisa as relações entre os indivíduos e o corpo, o cuidado de si e o modelo cristão da ordenação do desejo.

Nos últimos volumes da História da Sexualidade, Michel Foucault distingue claramente entre o que é preciso entender por “moral” e o que significa “ética”. A moral é, num sentido amplo, um conjunto de valores e de regras de ação que são propostos aos indivíduos e aos grupos por intermédio de diferentes aparelhos prescritivos (a família, as instituições educativas, as Igrejas, etc.); essa moral gera uma “moralidade dos comportamentos”, isto é, uma variação individual mais ou menos consciente em relação ao sistema de prescrições do código moral. Em compensação, a ética diz respeito à maneira pela qual cada um se constitui em si mesmo como sujeito moral do código: sendo dado determinado código de ações, há diferentes maneiras de “se conduzir” moralmente, diferentes maneiras para o indivíduo, em se tratando de proceder não só como agente, mas também como sujeito moral dessa ação. (REVEL, 2011).

A toda ética corresponde a determinação de uma “substância ética”, quer dizer, a maneira pela qual um indivíduo faz de uma ou de outra parte de si a substância principal de sua conduta moral; da mesma maneira, ela implica necessariamente um modo de assujeitamento, ou seja, a maneira pela qual um indivíduo estabelece uma relação com uma regra ou com um sistema de regras e sente a obrigação de aplicá-las. A ética grego-romana que descreve Michel Foucault, em particular, no segundo volume da História da sexualidade: o uso dos prazeres tem como substância ética as afrodisias, e seu modo de assujeitamento é uma escolha pessoal estética-política (não se trata, ao mesmo tempo, de respeitar um código e de “fazer de sua vida uma obra de arte”). Pelo contrário, a moral cristã não gira em torno da cruz, mas em torno da obediência, não em torno das afrodisias, mas em torno da “carne”. (REVEL, 2011).

Dessa forma, a sexualidade foi a categoria utilizada pelo filósofo como um

“caminho importante de experimentar a subjetivação pela qual nos subjetivamos como seres de desejos” (VEIGA-NETO, 2011, p.80). Ele criticamente alerta o fato da Igreja impor a confissão como meio de libertação e ao mesmo tempo de censura de si, autopunição, como destaca Foucault (1988, p. 69).

É preciso estar muito iludido com esse artil interno da confissão para atribuir à censura, à interdição de dizer e de pensar, um papel fundamental; é necessário uma representação muito invertida do poder para nos fazer acreditar que é de liberdade que nos falam todas essas vozes que há tanto tempo, em nossa civilização, ruminam a formidável injunção de devermos dizer o que somos, o que fazemos, o que recordamos e o que foi esquecido, o que escondemos e o que se oculta, o que não pensamos e o que pensamos inadvertidamente.

Mediante essas anotações observa-se que Michel Foucault é um filósofo completo, que retoma temas importantes de um passado remoto e ao mesmo tempo, alerta-nos sobre as relações de poder atuais. Dessa forma, cabe o questionamento: Estamos destinados a viver numa sociedade vigiada, coagida por nós mesmos para termos uma vida melhor?

# DOCILIZAÇÃO DOS CORPOS SOCIAIS

Os mecanismos organizacionais aplicados pelos homens são pontos de questionamentos para as ciências humanas. Não obstante, Michel Foucault evidenciou que as relações sociais são constituídas por relações de poder desde o período clássico, como ferramentas que alargam a disseminação da força para o controle social e vigilância para pleno funcionamento social. (SOUSA; MENESES 2010).

O estudo genealógico realizado por Michel Foucault revelou as principais características organizativas dos poderes e conseqüentemente a consolidação dos corpos dóceis como novo elemento articulado no conjunto universo das relações sociais. Todavia, “é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que poder ser transformado e aperfeiçoado”. (BRIGHENTE; MESQUIDA, 2011, p.2392).

Para que possamos entender o argumento ilustrativo de corpos dóceis, Foucault (2012, p. 132) faz uma analogia ao “homem máquina” de Jean Baptiste La Mettrie, vejamos.

O homem-máquina de La Mettrie é ao mesmo tempo uma redução materialista da alma e uma teoria geral do adestramento, no centro dos quais reina a noção de “docilidade” que une ao corpo analisável o corpo manipulável. É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado.

Michel Foucault chamou de disciplina o controle minucioso das operações de corpos, que impõem uma relação de docilidade-utilidade, como pode ser visto em Foucault (2012, p. 133).

Muitos processos disciplinares existiam há muito tempo: nos conventos, nos exércitos, nas oficinas também. Mas as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação. Diferentes da escravidão, pois não se fundamentam numa relação custosa e violenta obtendo efeitos de utilidade pelo menos igualmente grandes.

Cabe ressaltar, que o poder originado das relações com o corpo social, não se aglomera, muito menos se origina do Estado. Há uma equânime distribuição do poder pelas instituições que regem as relações no meio social. Então, a escola, o quartel, o

hospital, a polícia, etc., todas essas entidades são executoras do poder (disciplinar). Diferentes da escravidão, ou coisa do tipo. Há uma relação recíproca, um *feedback* positivo, entre as instituições que regulamentam e as pessoas que exercem tais regulamentos. Essa observação enaltece o trabalho de Michel Foucault pelo fato dele buscar identificar por meio de suas práticas de investigação, a origem e até que ponto essas relações de poder intensificariam a *práxis* dos corpos.

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”. (FOUCAULT, 2012).

A análise do recorte feita pelo filósofo esclarece algo minucioso sobre a evolução das características do poder. O corpo deixou de ser tratado com suplícios e passou a ser violentado de forma simbólica, como retrata Brigante; Mesquida (2011, p. 2391).

Atualmente, nos bancos escolares, por exemplo, a docilização dos corpos não está mais necessariamente ligada à violência física (castigos, palmatória, ficar de joelhos no milho, palmadas, etc.), mas se estabelece por outro tipo de violência sobre o corpo – uma “violência simbólica”. Há assim, um olhar de reprovação, como também a privação da palavra, a proibição da expressão do pensamento, a exigência da boa conduta.

Michel Foucault marca as transformações do período do século XVI a XVIII como impulsionadora das relações de poder. “O poder disciplinar é fruto de transformações da sociedade burguesa, do deslocamento do poder soberano para o corpo social.” (SOUSA; MENESES, 2010, p. 25). Dessa maneira, Foucault (2012, p. 135) destaca que há necessidade de uma estrutura que vislumbre os principais detalhes do “sistema” para que todos sejam representantes dóceis.

O “detalhe” era já há muito tempo uma categoria da teologia e do ascetismo: todo detalhe é importante, pois aos olhos de Deus nenhuma imensidão é maior que um detalhe, e nada há tão pequeno que não seja querido por uma dessas vontades singulares. Nessa grande tradição da

eminência do detalhe viriam se localizar, sem dificuldade, todas as meticulosidades da educação cristã, da pedagogia escolar ou militar, de todas as formas, finalmente, de treinamento. A mística do cotidiano aí se associa à disciplina do minúsculo.

Segundo o pensamento de Sousa; Meneses (2010), o tempo é quantificado, o espaço medido, o corpo do operário, do aluno, do soldado é disciplinado, medido em seus movimentos harmonizados dentro do movimento da sociedade. A punição terá agora a função de corrigir os indivíduos para estabelecer relações de poder, como forma, de controle para atender aos interesses da burguesia que necessita de corpos úteis, produtivos, disciplinados. (FOUCAULT, 2005 apud SOUSA; MENESES, 2010).

Todos os comportamentos dos homens serão moldados por um expesso defendido como o melhor por um “vigia” (professores, médicos, etc.), para correção de atitudes desviantes. Vejamos como Foucault (2010, p.106) anota essa característica.

A disciplina é uma técnica de poder que implica uma vigilância perpétua e constante dos indivíduos. Não basta olhá-los às vezes ou ver se o que fizeram é conforme a regra. É preciso vigiá-los durante todo o tempo da atividade de submetê-los a uma perpetua pirâmide de olhares. É assim que no exército aparecem sistemas de graus que vão, sem interrupção, do general chefe até o ínfimo soldado, como também os sistemas de inspeção, revistas, paradas, desfiles, etc., que permitem que cada indivíduo seja observado permanentemente.

Assim a disciplina não é mais simplesmente uma arte de repartir os corpos, de extrair e acumular o tempo deles, mas de compor forças para obter um aparelho eficiente.

As técnicas utilizadas pelas disciplinas têm alguns pontos em comum: as distribuições sistemáticas, a organização analítica dos espaços, os elementos intercambiáveis, o controle da atividade por meio de horários, elaboração temporal dos atos, a imposição de um gesto e a atitude global do corpo, a articulação corpo-objeto somado com a utilização exaustiva. (FOUCAULT, 2012).

Vejamos o exemplo da “classe de aula”. Nos colégios dos jesuítas se encontrava ainda uma organização ao mesmo tempo binária e maciça: as classes, que podiam ter até duzentos ou trezentos alunos, eram divididas em grupos de dez; cada um desses grupos, com seu decurião, era colocado em um campo, o romano ou o cartaginês; a cada decúria correspondia uma decúria adversa. A forma geral era a da guerra e da rivalidade; o trabalho, o aprendizado, a classificação eram feitos sob a forma de justa, pela

defrontação dos dois exércitos; a participação de cada aluno entrava nesse duelo geral; ele assegurava, por seu lado, a vitória ou as derrotas de um campo; e os alunos determinavam um lugar que correspondia à função de cada um e a seu valor de combatente no grupo unitário de sua decúria. (FOUCAULT, 2012).

A ordenação por fileiras, no século XVIII, começa a definir a grande forma de repartição dos indivíduos na ordem escolar: filas de alunos na sala, nos corredores, nos pátios; colocação que ele obtém de semana em semana, de mês em mês, de ano em ano; alinhamento das classes de idade umas depois das outras; sucessão dos assuntos ensinados, das questões tratadas segundo uma ordem de dificuldade crescente. (FOUCAULT, 2012).

Esse conjunto de alinhamentos obrigatórios, cada aluno segundo sua idade, seus desempenhos, seu comportamento, ocupa ora uma fila, ora outra; ele se desloca o tempo todo numa série de casas; umas ideais, que marcam uma hierarquia do saber ou das capacidades, outras devendo traduzir materialmente no espaço da classe ou do colégio essa repartição de valores ou dos méritos. Movimento perpétuo onde os indivíduos substituem uns aos outros, num espaço escondido por intervalos alinhados. (FOUCAULT, 2012).

A organização de um espaço serial foi uma das grandes modificações técnicas do ensino elementar. Permitiu ultrapassar o sistema tradicional (um aluno que trabalha alguns minutos com o professor, enquanto fica ocioso e sem vigilância o grupo confuso dos que estão esperando). Determinando lugares individuais tornou possível o controle de cada um e o trabalho simultâneo de todos. Organizou uma nova economia do tempo de aprendizagem. Fez funcionar o espaço escolar como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar. (FOUCAULT, 2012).

As disciplinas, organizando as “celas”, os “lugares” e as “fileiras” criam espaços complexos: ao mesmo tempo arquiteturais, funcionais e hierárquicos. São espaços que realizam a fixação e permitem a circulação; recortam segmentos individuais e estabelecem ligações operatórias; marcam lugares e indicam valores; garantem a obediência dos indivíduos, mas também uma melhor economia do tempo e dos gestos. São espaços mistos: reais, pois que regem a disposição de edifícios, de salas, de móveis, e ideias, que se projetam sobre essa organização caracterizações, estimativas, hierarquias. (FOUCAULT, 2012).

A primeira das grandes operações da disciplina é então a constituição de “quadros vivos” que transformam as multidões confusas, inúteis ou perigosas em multiplicidades organizadas. A constituição de “quadros” foi um dos grandes problemas da tecnologia científica, política e econômica do século XVIII; arrumar jardins de plantas e de animais, e construir ao mesmo tempo classificações racionais dos seres vivos; observar, controlar, regularizar a circulação das mercadorias e da moeda e estabelecer assim um quadro econômico que possa valer como princípio de enriquecimentos; inspecionar os homens, constatar sua presença e sua ausência, e constituir um registro geral e permanente das forças armadas; repartir os doentes, dividir com cuidado o espaço hospitalar e fazer uma classificação sistemática das doenças. O quadro, no século XVIII, é ao mesmo tempo uma técnica de poder e um processo de saber. Trata-se de organizar o múltiplo, de se obter um instrumento para percorrê-lo e dominá-lo; trata-se de lhe impor uma “ordem”. (FOUCAULT, 2012).

O objetivo da disciplina nas relações de poder é o de tornar os sujeitos meras mercadorias que deixam ser consumidas pelo capitalismo, funcionando como válvulas de um ambiente cíclico de fenômenos sociais. “O corpo foi alvo de violências, castigos, trabalhos pesados e escravidão, porém a sociedade disciplinar volta-se para o corpo, para dele e de forma individual tirar toda sua utilidade e docilidade”. (ARAUJO, 2001 apud BRIGHENTE; MESQUIDA, 2011, p. 2397).

Essa combinação cuidadosamente medida das forças exige um sistema comando, que para tanto, utiliza quatro grandes técnicas: constrói quadros, prescreve manobras; impõe exercícios; enfim, para realizar a combinação das forças, organiza táticas. (FOUCAULT, 2012).

Os procedimentos disciplinares se exercem mais sobre os processos da atividade do que sobre seus resultados e o assujeitamento constante de suas forças impõe uma relação de docilidade-utilidade. Certamente, as “disciplinas” não nascem no século XVIII – pode-se observá-las nos conventos, no exército, nas oficinas –, mas Michel Foucault procura compreender de que maneira elas se tornam, num determinado momento, fórmulas gerais de dominação. O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, a qual não visa apenas ao aumento de suas habilidades, nem à intensificação de sua sujeição, mas à formação de uma relação que, no mesmo mecanismo, a torna tão mais obediente quanto mais útil e vice-versa. Essa

“anatomia política”, abrange então as escolas, os hospitais, os locais de produção e, de modo mais amplo, qualquer espaço fechado que possa possibilitar a gestão dos indivíduos no espaço, sua repartição e sua identificação. (REVEL, 2011).

O modelo de uma gestão disciplinar perfeita é proposto por meio da formulação “benthaminiana” do “panóptico”, local de encarceramento onde os princípios de visibilidade total, de decomposição das massas em unidades e de reordenação complexa destas últimas segundo uma hierarquia rigorosa, permitem submeter cada indivíduo a uma verdadeira economia do poder: inúmeras instituições disciplinares – prisões, escolas, asilos –, possuem ainda hoje uma arquitetura panóptica, em outras palavras, um espaço caracterizado, por um lado, pelo encarceramento e pela repressão dos indivíduos e, por outro lado, por uma mitigação do funcionamento do poder. (REVEL, 2011).

Então, um corpo dócil é aquele passível de repressão, de ser sujeitado, é aquele indivíduo “bonzinho”, que não pode e nem deve contestar o sistema no qual está inserido. Todo o processo dos corpos dóceis é produzido gradativamente, sendo sustentado pelas instituições disciplinares que fazem uso do poder disciplinar.

Para a constituição dos corpos dóceis, Michel Foucault resolveu a problemática que tornava invisível os mecanismos de adestramento e propôs de maneira didática o estudo minucioso das circunstâncias estabelecidas pela disciplina nas pessoas.

Para Michel Foucault, o poder se deslocou do soberano e passou a existir através da norma, e assim deixou de estar centralizado em uma figura e espalhou-se pela sociedade nas instituições. Com isso, no século XVII, o Hospital Geral produziu uma nova modalidade de poder, transformou-se em uma instituição disciplinar, na qual a loucura passou a ser regida por leis autoritárias. O Hospital Geral não era simplesmente uma instituição na qual o médico situava-se como sujeito do conhecimento, e assumia a tarefa de resguardar a loucura. Mas como um guardião que discernia o normal do anormal. (SOUSA; MENESES, 2010).

A punição e a vigilância são mecanismos de poder utilizados para docilizar e adestrar as pessoas para que essas se adequem às normas estabelecidas nas instituições. O poder disciplinar é, com efeito, um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”.

A premissa utilizada pelo filósofo para conclusão do que é adestramento, partiu do seguinte, como destaca Foucault (2012, p. 167).

As instituições disciplinares produziram uma maquinaria de controle que funcionou como um microscópio do comportamento; as divisões tênues e analíticas por elas realizadas formaram, em torno dos homens, um aparelho de observação de registro e de treinamento.

O poder disciplinar que veicula a ordenação dos comportamentos para tomada de decisões previsíveis nos sujeitos, é o mesmo que adentra as multidões confusas, móveis, inúteis de corpos e forças para uma multiplicidade de elementos individuais. Estes irão promover em cada individualidade uma força impulsionadora que estenderá para todas as regras da sociedade de maneira sutil (maioria das vezes) – quando não há transgressores – e natural. Como exemplo desse fato social, temos a escola.

Interpretando o pensamento de Michel Foucault, Inês Araújo (2001 apud Brighente; Mesquida, 2011), observa que é na escola onde melhor se visualiza a relação de

vigilância e controle pelo tempo; nelas os exercícios aperfeiçoam o desempenho, padronizando e tornando os gestos rigorosos, terminando no corpo que é ágil para responder ao menor sinal. Para essa autora, o tempo é um excelente regulador pedagógico. Ou seja, todos os estudantes são atingidos pelo processo disciplinar, contornando os passos, a postura, o conhecimento e as emoções, de si para com os outros e a sociedade.

O pesquisador Siebert (1995, p. 20) esclarece a maneira que a ordem institucional é apresentada a cada indivíduo:

O sentido objetivo da ordem institucional apresenta-se, assim, a cada indivíduo, como um dado acabado e universalmente aceito, socialmente admitido como natural e certo, como tal. Se há algum problema, atribui-se às dificuldades subjetivas que o indivíduo possa ter na interiorização desses acordos sociais. O mesmo, não tendo opção de selecionar seus outros significados, identifica-se automaticamente com o padrão, que é só o que conhece.

Na terceira parte do livro *Vigiar e punir*, intitulado como disciplina. Michel Foucault conclui que o sucesso do poder disciplinar se deve, sem dúvida, ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame. (FOUCAULT, 2012).

Dessa maneira, a vigilância hierárquica, contínua e funcional não é, sem dúvida, uma das grandes “invenções” técnicas do século XVIII, mas sua insidiosa extensão deve sua importância às novas mecânicas de poder, que traz consigo. O poder disciplinar cria um sistema “integrado”, ligado ao interior à economia e aos fins do dispositivo onde é exercido. Organiza-se assim como um poder múltiplo, automático e anônimo; pois, se é verdade que a vigilância repousa sobre indivíduos, seu funcionamento é de uma rede de relações de alto a baixo, mas também até um certo ponto de baixo para cima e lateralmente; essa rede “sustenta” o conjunto, e o perpassa de efeitos de poder que se apoiam uns sobre os outros: fiscais perpetuamente fiscalizados. O poder na vigilância hierarquizada das disciplinas não se detém como uma coisa, não se transfere como uma propriedade; funciona como uma máquina. E se é verdade que sua organização piramidal lhe dá um “chefe”, é o aparelho inteiro que produz “poder” e distribui os indivíduos nesse campo permanente e contínuo. O que permite ao poder disciplinar ser absolutamente

indiscreto, pois está em toda parte e sempre alerta, pois em princípio não deixa encarregados de controlar; e absolutamente “discreto”, pois funciona permanentemente e em grande parte em silêncio. (FOUCAULT, 2012).

Os autores Ferreirinha; Raitz (2010, p.378), destacam o seguinte.

A minúcia dos regulamentos, o olhar esmiuçante das inspeções, o controle das mínimas parcelas da vida e do corpo darão, em breve, no quadro da escola, do quartel do hospital ou da oficina, um conteúdo laicizado, uma racionalidade econômica ou técnica a esse cálculo místico do ínfimo e do infinito.

O exercício da disciplina supõe um dispositivo que obrigue pelo jogo do olhar: um aparelho onde as técnicas que permitem ver induzam a efeitos de poder, e onde, em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se aplicam. Lentamente, no decorrer da época clássica, são construídos esses “observatórios” da multiplicidade humana para as quais a história das ciências guardou tão poucos elogios. Ao lado da grande tecnologia dos óculos, das lentes, dos feixes luminosos, unida à fundação da física e da cosmologia novas, houve as pequenas técnicas uma arte obscura múltiplas e entrecruzadas, dos olhares que devem ver sem ser vistos; uma arte obscura da luz e do visível preparou em surdina um saber novo sobre o homem, através de técnicas para sujeitá-lo e processos para utilizá-lo. (FOUCAULT, 2012).

A disciplina faz funcionar o poder de relações, que se sustentam por seus próprios mecanismos e substitui o brilho das manifestações pelo jogo ininterrupto dos olhares calculados. Graças às técnicas de vigilância, a “física” do poder, o domínio sobre o corpo se efetuam seguindo as leis da ótica e da mecânica, segundo um jogo de espaços, de linhas, de telas, de feixes, de graus, e sem recurso, pelo menos em princípio, ao excesso, à força, à violência. (FOUCAULT, 2012).

Nesse enredo, destaca-se a forte presença do poder social sendo incorporado nas pessoas, tornando-as dóceis, com atitudes pautadas num “manual” disciplinar considerado “politicamente correto”. O poder, destacado por Michel Foucault é “físico” por que ele acaba se materializando nos elementos de uma sociedade. Dessa forma, cada instituição dá um poder maior a uma determinada pessoa que ocupa um cargo/função. E assim, conseqüentemente a disciplina vive numa constante microfísica do poder.

Passando do momento do “olhar hierárquico” das relações de poder para a sanção

normalizadora, o filósofo Michel Foucault desmistifica o mecanismo pertinente à ordem. Trata-se das “infrapenalidades”. Ou seja, as disciplinas estabelecem normas, quadriculam um espaço deixado vazio pelas leis; qualificam e reprimem um conjunto de comportamentos que escapava aos grandes sistemas de castigos por sua relativa indiferença. (FOUCAULT, 2012).

A ordem com que os castigos disciplinares devem fazer respeitar é de natureza mista: é uma ordem “artificial”, colocada de maneira explícita por uma lei, um programa, um regulamento. Mas é também uma ordem, definida por processos naturais e observáveis: a duração de um aprendizado, o tempo de um exercício, o nível de aptidão têm por referência uma regularidade, que é também uma regra. O filósofo exemplifica esse argumento com o seguinte fato. As crianças das escolas cristãs nunca devem ser postas para fazer uma atividade que não são capazes, pois correm o risco de não aprenderem nada. E após algum tempo, caso não ocorra o aprendizado dessas crianças, elas são evidenciadas no banco dos “ignorantes”.

O castigo disciplinar funciona como um ato para “reduzir os desvios”; castigar é exercitar. A punição, na disciplina, funciona como um sistema duplo: gratificação – sanção. E é esse sistema que se torna operante no processo de treinamento e de correção. Nesse sentido, o professor deve evitar, tanto quanto possível, usar castigos; ao contrário, deve procurar tornar as recompensas mais frequentes que as penas, sendo os preguiçosos mais incitados pelo desejo de serem recompensados como os diligentes que pelo receio de castigos; por isso será muito proveitoso, quando o mestre for obrigado a usar de castigo, que ele ganhe, se puder, o coração da criança, antes de aplicar-lhe o castigo. (FOUCAULT, 2012).

Em seguida, Michel Foucault anota que o exame “supõe um mecanismo que liga um certo tipo de formação de saber a uma certa forma de exercício do poder” (FOUCAULT, 2012, p. 179). O exame combina as técnicas de hierarquia que vigia e as da sanção que normaliza. É um controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir. O exame estabelece sobre os indivíduos uma visibilidade através da qual eles são diferenciados e sancionados. É por isso que, em todos os dispositivos de disciplina, o exame é altamente ritualizado. No coração dos processos de disciplina, ele manifesta a sujeição dos que são percebidos como objetos e a objetivação dos que se sujeitam. A superposição das relações de poder e das de saber assume no

exame todo o seu brilho visível. Mais uma inovação da era clássica que os historiadores deixaram na sombra. (FOUCAULT, 2012).

O exame promove a transposição do sujeito a um mecanismo de objetivação. O exame promove um instrumento que anota no indivíduo, a individualidade entrar num campo documentário, construindo uma série de códigos que permitem descrever, homogeneizando- os, traços individuais: códigos físicos da qualificação, código médico dos sintomas, código escolar ou militar dos comportamentos e dos desempenhos. Esses códigos eram ainda rudimentares em sua forma qualitativa ou quantitativa, mas marcam o momento de uma primeira formalização do individual dentro das relações de poder.

A constituição do indivíduo como objeto discutível, analisável, não contudo, para reduzi-los a traços “específicos”, como fazem os naturalistas, mas para mantê-lo em seus traços singulares, em sua evolução particular, em suas aptidões ou capacidades próprias, sob o controle de um saber permanente; e outro lado a constituição de um sistema comparativo que permite a medida de fenômenos globais, a descrição de grupos, a caracterização de fatos coletivos, a estimativa dos desvios entre si, sua distribuição numa “população” (FOUCAULT, 2012).

Esmiuçando essa abordagem de Michel Foucault, percebe-se que o exame faz de cada indivíduo um caso. Foucault (2012, p. 185) confirma que “o indivíduo é sem dúvida o átomo fictício de uma representação “ideológica” da sociedade; mas é também uma realidade fabricada por essa tecnologia específica de poder que se chama a disciplina”.

As autoras Ferreirinha; Raitz (2010) reforçam que as técnicas e práticas que induzem ao comportamento da internalização de movimentos sem questionamentos são chamadas de tecnologias do eu. As tecnologias de poder como produtoras da subjetividade, a análise arqueológica e a análise genealógica são alguns dos aspectos que podem ser utilizados para analisar a construção histórica de uma visão mecanicista e reducionista da sociedade.

Finalmente, o exame está no centro dos processos que constituem o indivíduo como efeito e objeto de poder, como efeito e objeto de saber. É ele que, combinando vigilância hierárquica e sanção normalizadora, realiza as grandes funções disciplinares de repartição e classificação, de extração máxima das forças e do tempo, de acumulação genética contínua, de composição ótima das aptidões. Portanto, de fabricação da individualidade celular, orgânica, genética e combinatória. Com ele se ritualizam aquelas

disciplinas que se pode caracterizar com uma palavra dizendo que são uma modalidade de poder para qual a diferença individual é pertinente.

# O INSTRUMENTO PANÓPTICO

Na terceira parte do livro *Vigiar e Punir*, Michel Foucault, encerra toda a arquitetura da disciplina com um instrumento policresto denominado de panóptico.

Para ilustrar o imperativo disciplinar deste instrumento. O filósofo Michel Foucault retrata a realidade do século XVIII quando se declarava a peste numa cidade. Nesse contexto, o filósofo Michel Foucault faz um comparativo e reforça o chamado Estado de Peste, como destaca Foucault (2012, p. 189).

A peste (pelo menos aquela que permanece no estado de previsão) é a prova durante a qual se pode definir idealmente o exercício do poder disciplinar. Para fazer funcionar seguindo a pura teoria os direitos e as leis, os juristas se punham imaginariamente no estado de natureza; para ver funcionar suas disciplinas perfeitas, os governantes sonhavam com o estado de peste.

O estado de peste é uma analogia ao que os governantes sonhavam; o total controle. Nesse estado, a população amedrontada, abolia seus sonhos e felicidades para atender cordialmente às leis estimadas pelos governantes, principalmente àquelas pessoas que ficavam em quarentena.

O controle do estado pleno encontra-se no panóptico do inglês, jurista, Jeremy Bentham, a arquitetura de um sistema de vigiar e punir, como destaca Foucault (2012, p. 190).

O panóptico de Bentham é a figura arquitetural dessa composição. O princípio é conhecido: na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre: esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna no anel; a construção periférica é dividida em celas, cada um atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado.

A exemplificação da torre panóptica é o palco principal do modelo de vigilância. O vigia da torre fica na região central, e em cada cela tranca-se um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar. Pelo efeito da contraluz, pode-se perceber da torre, recortando-se exatamente sobre a claridade, as pequenas silhuetas cativas nas

celas de periferia. Tantas jaulas, tantos pequenos teatros, em que cada ator está sozinho, perfeitamente individualizado e constantemente visível. O dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente. Em suma, o princípio da masmorra é invertido; ou antes, de suas três funções – trancar, privar de luz e esconder – só se conserva a primeira e se suprimem as outras duas. A plena luz e o olhar de um vigia captam melhor que a sombra, que finalmente protegia. A visibilidade é uma armadilha. (FOUCAULT, 2012).

Michel Foucault adaptou a estrutura panóptica de Bentham, veja em Anexos, para reforçar o leque de instrumentos ideológico-utilitarista confeccionado pela humanidade que demonstra as relações de poder. O panóptico é considerado o “o olho que tudo ver”, ou seja, a imitação de Deus, como destaca Bentham (2008, p. 91).

Que o olho veja, sem ser visto – aí está o maior ardil do panóptico. Se posso discernir o olhar que me espia, domino a vigilância, eu a espio também, aprendo suas intermitências seus deslizos, estudo suas regularidades, posso despistá-la. Se o Olho está escondido, ele me olha, ainda quando não me esteja vendo. Ao se esconder na sombra, o Olho intensifica todos os seus poderes.

O panóptico funciona como uma forma de poder que vai produzir o exame, um saber de vigilância que regula a vida dos indivíduos e se constitui a base do poder-saber que produzirá as ciências humanas (GODINHO,1995). Os efeitos a partir dos desejos diversos da instituição promovem uma homogeneidade de poder. Ou seja, a ação do panóptico é equivalente para todos os sujeitos que são postos em estudo. Foucault (2012, p. 191) destaca o efeito subliminar do panóptico.

Induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder. Fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo se é descontínua em sua ação; que a perfeição do poder tenda a tornar útil a atualidade de seu exercício; enfim, que os detentos se encontrem presos numa situação de poder que eles mesmos são os portadores.

O panóptico é uma máquina de fazer experiências, modificar o comportamento, treinar ou retreinar os indivíduos, como um laboratório de poder. Foucault (2012, p. 194) destaca o seguinte:

O panóptico funciona como uma espécie de laboratório de poder. Graças a seus mecanismos de observação, ganha eficácia e em capacidade de penetração no comportamento dos homens: um aumento de saber vem ser conhecido em todas as superfícies onde este se exerça.

O panóptico é uma máquina polivalente capaz de reformar a moral, preservar a saúde das pessoas, renovar a indústria, disseminar a instrução, economicamente aliviar os encargos públicos, desfazer, em vez de cortar, o nó górdio das leis sobre os pobres, tudo isso como uma simples ideia arquitetural. Sua estrutura organizacional programa, no nível de um mecanismo elementar e facilmente transferível, o funcionamento de base de uma sociedade toda atravessada e penetrada por mecanismos disciplinares. (FOUCAULT, 2012).

Aprofundando-se nos processos que caracterizam o panóptico, Jeremy Bentham pensou minuciosamente em cada estrutura que o integra, reunindo numa única entidade o máximo de utilidades. Nessas circunstâncias observa-se que houve uma inversão de significados. A exemplo, destaca-se a disciplina militar, que passa a ser não mais um simples meio de impedir a pilhagem, a deserção, ou a desobediência das tropas; torna-se uma técnica de base para que o exército exista, não mais como uma multidão ajustada, mas como uma unidade que tira dessa mesma unidade uma majoração de forças. (FOUCAULT, 2012).

A disciplina faz crescer a habilidade de cada um, acelera os movimentos, multiplica a potência de jogo, alarga as frentes de ataque sem lhes diminuir o vigiar, aumenta as capacidades de resistência, etc. As disciplinas funcionam cada vez mais como técnicas que fabricam indivíduos úteis, dóceis. Daí se libertarem elas lentamente de sua posição marginal nos confins da sociedade, e se destacarem elas lentamente seu parentesco com as regularidades e os muros religiosos. (FOUCAULT, 2012).

Cabe destacar que a disciplina que ordena não pode ser identificada como uma instituição ou como um aparelho. Ela é um tipo de poder, uma modalidade para exercê-lo, que comporta todo um conjunto de instrumentos, técnica, procedimentos. Ela é uma física ou anatomia do poder, uma tecnologia, e pode ficar a cargo seja das instituições “especializadas”, como as penitenciárias, ou as casas de correção do século XIX; seja de instituições que dela se servem como instrumento essencial para um fim determinado; seja de instâncias preexistentes que nela encontram maneira de reforçar ou de

reorganizar seus mecanismos internos de poder; seja de aparelhos que fizeram da disciplina seu princípio de funcionamento interior; seja em fim de aparelhos estatais que têm por função não exclusiva, mas principalmente fazer reinar a disciplina na escala de uma sociedade. (FOUCAULT, 2012).

De uma maneira global, pode-se dizer que as disciplinas são técnicas para assegurar a ordenação das multiplicidades humanas. É verdade que não há nisso nada de excepcional, nem mesmo de característico: a qualquer sistema de poder se coloca o mesmo problema. Mas o que é próprio das disciplinas é que elas tentam definir em relação às multiplicidades uma tática de poder que responde a três critérios: tornar o exercício do poder o menos custoso possível; fazer com que os efeitos desse poder social sejam levados a seu máximo de intensidade e estendidos tão longe quanto possível, sem fracasso, nem lacuna; ligar enfim esse crescimento “econômico” do poder e o rendimento dos aparelhos no interior dos quais se exerce (sejam os aparelhos pedagógicos, militares, industriais, médicos), em suma fazer crescer ao mesmo tempo a docilidade e a utilidade de todos os elementos do sistema. (FOUCAULT, 2012).

Esse triplo objetivo das disciplinas responde a uma conjuntura histórica bem conhecida. É por um lado a grande explosão demográfica do século XVIII: aumento da população flutuante (fixar é um dos primeiros objetivos da disciplina); mudança da escala quantitativa dos grupos que importa controlar ou manipular. O outro aspecto da conjuntura é o crescimento do aparelho de produção, cada vez mais extenso e complexo, cada vez mais custoso também e cuja rentabilidade urge fazer crescer. (FOUCAULT, 2012).

O desenvolvimento dos modos disciplinares de proceder responde a esses dois processos, ou antes, sem dúvida à necessidade de ajustar sua correlação. Nem as formas residuais do poder feudal, nem as estruturas da monarquia administrativa, nem os mecanismos locais de controle, nem o emaranhado instável que formavam todos juntos podia desempenhar esse papel: impedia-os de fazê-lo a extensão lacunosa e sem regularidade de sua rede, seu funcionamento muitas vezes conflitante, mas principalmente o caráter “dispendioso” do poder exercido. Dispendioso em vários sentidos: porque diretamente custava muito ao Tesouro, porque o sistema dos ofícios venais ou o da cobrança dos impostos pesava de maneira indireta e muito sobre a população, porque as resistências que encontrava o arrastavam a um ciclo de reforço

perpétuo, porque procedia essencialmente por retirada. (FOUCAULT, 2012).

O desenvolvimento das disciplinas marca a aparição de técnicas elementares do poder que derivam de uma economia totalmente diversa: mecanismos de poder que, em vez de vir “em dedução”, integram-se de dentro à eficácia produtiva dos aparelhos, ao crescimento dessa eficácia, e à utilização do que ele produz. As disciplinas subsistem o velho princípio “retirada- violência” que regia a economia do poder pelo princípio “suavidade-produção-lucro”. Devem ser tomadas como técnicas que permitem ajustar, segundo esse princípio, a multiplicidade dos homens e a multiplicação dos aparelhos de produção. (FOUCAULT, 2012).

As disciplinas atravessam então o limiar “tecnológico”. O hospital primeiro, depois a escola, mais tarde ainda a oficina, não foram simplesmente “posto de ordem” pelas disciplinas: tornaram-se, graças a elas, aparelhos tais que qualquer mecanismo de objetivação pode valer neles como instrumento de sujeição, e qualquer crescimento de poder dá neles lugar e conhecimentos possíveis; foi a partir desse laço, próprio dos sistemas tecnológicos, que se puderam formar no elemento disciplinar a medicina clínica, a psiquiatria, a psicologia da criança, a psicopedagogia, a racionalização do trabalho. Duplo processo, portanto: arrancada epistemológica a partir de um afinamento das relações de poder; multiplicação dos efeitos de poder graças à formação e à acumulação de novos conhecimentos. (FOUCAULT, 2012).

Por fim, destaca-se que as consequências dos objetivos do panóptico podem ser entendidas não apenas como uma extensão da proposta utilitarista, mas também como uma resposta direta à crise carcerária que assolou a sociedade britânica durante aquele período. Jeremy Bentham articulou essa máquina para sanar os problemas daquela época e Michel Foucault compactou-a como uma tecnologia das redes de relações de poder. Dessa forma, o presente estudo baseia-se no princípio de destacar a “teia dos poderes sociais” e as características que assimilam os sujeitos como corpos dóceis desse processo.

# A HERANÇA DE MICHEL FOUCAULT PARA A FILOSOFIA

A notoriedade dos trabalhos de Michel Foucault ecoam nas mais diversas áreas do conhecimento. Principalmente no campo de estudos das ciências humanas, onde empreendeu uma importante análise do surgimento epistemológico ao papel dessas ciências na cultura.

Como poucos dentre seus contemporâneos, Michel Foucault soube apropriar-se do projeto nietzschiano de destruição e transvaloração dos valores vigentes, ensinando-nos a desconfiar da herança metafísica incrustada em conceitos supra-históricos como Homem, a verdade, a natureza, o poder, a razão, o sexo, o corpo, etc.

Mesmo após 30 anos de sua morte, Michel Foucault é um frutífero filósofo, com relevantes concepções em torno dos fenômenos da contemporaneidade.

Embora declare não ser estruturalista (e todos os mais conhecidos estruturalistas declaram que não o são), Michel Foucault é um dos mais significativos estruturalistas contemporâneos. Aliás, como escreveu o filósofo italiano Júlio Preti, ele é “particularmente importante, já que, com plena consciência teórica e polêmica, levou o posicionamento estruturalista precisamente para o campo tradicional reservado à cultura humanista e por ela zelosamente guardado: a história, particularmente a história da cultura e das ideias”. (REALE, 1991).

O seu maior legado está na concepção de uma filosofia para o sujeito, destacando as mazelas particulares de cada sujeito durante o percurso da vida. Foucault (1995, p. 239) destaca esse processo.

Talvez, o objetivo hoje em dia não seja descobrir o que somos, mas recusar o que somos. Temos que imaginar a construir o que poderíamos ser para nos livrarmos desse “duplo constrangimento” político, que é a simultânea individualização própria às estruturas do poder moderno.

É relevante esclarecer que a solução do problema político, ético, social e filosófico de nossos dias não se situa em liberar o indivíduo do Estado, nem das instituições. É necessário promover novas formas de subjetividade através da recusa deste tipo de individualidade que nos foi imposta por séculos. (FOUCAULT, 1995).

Outro fato marcante de seus estudos foi o destaque das relações de poder concernentes às instituições de um sistema de controle, exemplificado pelo panóptico de Bentham. É por esse modelo que as atuais instituições amplificaram sua tecnologia de controle, transformando um panóptico rudimentar em um instrumento eletrônico (PEREIRA; SEGRE; NASCIMENTO, 2013), como anota Deleuze (2010, p. 227).

Hoje essa estrutura panóptica de controle e vigilância total se renova e expande por meio das TICs. Um dos aspectos centrais da estrutura panóptica disciplinar, o confinamento, é substituído pelo controle contínuo por meio do ambiente integrado em rede por diversos dispositivos, no qual se preserva a característica “vê-se tudo, sem nunca ser visto”.

O confinamento é o ápice do panóptico eletrônico. Ou seja, da nova forma de vigiar e ordenar comportamentos. Isso acontecia nas grandes fábricas do século XVII e XVIII; e atualmente, nas grandes empresas, os sujeitos vivem numa jaula que perpassa para a vida doméstica. Os indivíduos têm como extensão do trabalho suas residências num constante vigiar.

Assim, constata-se que a estrutura panóptica na “sociedade do controle”, agora potencializada pelas TICs, continua a instaurar um padrão de “comportamento disciplinar”, por meio desses dispositivos que produzem e reproduzem as práticas do capital, em especial, as práticas referentes a “vigiar e punir”. (PEREIRA; SEGRE; NASCIMENTO, 2013).

Essas práticas de vigiar e punir abordadas por Deleuze (2010) e enfatizada por Pereira; Segre; Nascimento (2013) é comumente vista pelos homens. Pois, quem nunca entrou num banco e foi filmado (Veja em Anexos)? Quem nunca participou ou “postou” algo pessoal em redes virtuais de comunicação – *Facebook, WhatsApp*? As TICs acabam se minimizando para se maximizarem universalmente. Tudo para poder disciplinar e apreender as pessoas a um conjunto de regras, com uma falsa promessa de governabilidade e controle social.

Talvez, Michel Foucault deva ter pensado com os estudos arqueológicos e genealógicos dos períodos do século XVI a XVIII, que o controle para ser amplificado universalmente, necessite de um veículo eficiente – a internet e seus produtos –, a tal ponto, que na gênese de sua criação, produza nos sujeitos um estado de dependência, aliada a uma obsessão privada de posse dos produtos do trabalho.

A transformação do sujeito dócil, além de ser viável para o neocapitalismo, é importante para a manutenção das vontades do soberano ou príncipe. Essa conclusão, parte do seguinte ponto: aqueles que extraem a subjetividade da massa em si; tem o “direito” de implantar qualquer “subjetividade alheia” nos indivíduos. Trata-se de aspirar toda a ética e implantar uma ética engessada, moldada.

Fugindo à tópica do poder repressor, Michel Foucault descobriu que os micro poderes disciplinares exerciam seus efeitos positivos e discretos sobre o corpo dos indivíduos visando transformá-lo num corpo dócil e útil, segundo a conhecida fórmula de *Vigiar e punir*. Com as pesquisas genealógicas, Foucault se propôs a investigar como se produziu o indivíduo moderno, o sujeitoujeitado e disciplinado em seus gestos, comportamentos, discursos, etc.

Tendo como base a perspectiva foucaultiana, compara-se o pensamento de Bauman (2001), quando esse estudioso fala da “modernidade líquida”. Nesse caminho, percebe-se que a eliminação da pureza, como reforça Nietzsche, na crítica da moral, trata-se da perda dos interesses particulares das pessoas, por uma “edição compactada” de valores e condutas predispostas pelos fatos sociais a fim de que o ser humano se sujeite a exercer e fazer cumprir tais mandamentos. Isso justifica, na maioria das vezes, a perda de identidade das pessoas, ou seja, a plasticidade dos valores. A modernidade pode ser então pensada como um processo de destruição criativa que desenraizava o velho para re-enraizá-lo de outra forma. (FRAGOSO, 2011).

O sociólogo Zygmunt Bauman critica o controle da torre panóptica e lembra que o poder agora é extraterritorial. Nota-se em Fragoso (2011, p. 111).

O poder na era da liquidez não é mais aquele que se materializava na disciplina da fábrica, na torre de controle panóptica, na administração pública. O poder agora é extraterritorial, o seu objetivo não é mais impor a sociedade um ordenamento rígido, mas simplesmente, através de uma aceleração compulsiva do tempo e do domínio total do espaço, expor todos os lugares do planeta à livre ação da globalização econômica do mercado capitalista.

A proposta de Fragoso (2011) é perspicaz e complementa os estudos éticos feitos por Michel Foucault. Nestes, Michel Foucault reforça que os sujeitos tem que constantemente destacar sua subjetividade nos momentos da vida, convivendo com as relações de poder presentes nas relações sociais. Fragoso (2011) destaca que essa

subjetividade nos dias de hoje podem causar efeitos catastróficos nos sujeitos. Ou seja, os sujeitos, na maioria das vezes, acreditam que o exercício de sua subjetividade está atrelado com o consumismo material. Principalmente, quando o produto material é confundido com a satisfação imaterial, ou seja, com a felicidade, amor, saúde, etc.

Outro destaque de Michel Foucault no campo da filosofia foi àquele referente ao biopoder e da biopolítica. Esta trata de uma nova forma de exercício do poder soberano, nascente na passagem do século XVIII para o XIX, cujo alvo não era mais a produção do indivíduo dócil e útil, mas a gestão calculada da vida da população de um determinado corpo social. (DUARTE, 2009).

Michel Foucault chegou à descoberta do biopoder ao analisar o que chamou, em *História da sexualidade*, de dispositivo da sexualidade, isto é, a sexualidade como o produto de discursos científicos e morais pautados pela vontade de saber, pelo ideal de normalidade e pela obsessão em esconjurar e escrutinar a anormalidade. Ele descobriu que o sexo não era apenas a matriz privilegiada para o exercício dos poderes disciplinares, pois também constituía o foco por excelência para o gerenciamento planejado de fenômenos populacionais como as taxas de nascimento e mortalidade, as condições sanitárias das cidades, os índices de contaminação, etc. (DUARTE, 2009).

A partir do século XIX, interessava ao novo poder estatal estabelecer políticas higienistas por meio das quais se poderia sanear o corpo da população, depurando-o de suas infecções internas. Novamente se evidencia a genialidade de Michel Foucault: ali onde nossa consciência iluminista nos levaria a louvar o caráter humanitário de intervenções políticas visando incentivar, proteger, estimular e administrar as condições vitais da população, Foucault descobriu o elo fatal entre higienismo, eugenia, racismo e genocídio. (DUARTE, 2009).

Em uma palavra, ele compreendeu que a partir do momento em que a vida passou a se constituir no elemento político por excelência, tal cuidado político da vida trouxe consigo a exigência contínua e crescente da morte em massa, pois é apenas no contraponto da violência depuradora que se podem garantir mais e melhores meios de sobrevivência a uma dada população. Eis, portanto, o motivo pelo qual o século XX pôde testemunhar o advento do nazismo e do stalinismo, para não mencionar os inúmeros casos em que democracias liberais valeram-se do racismo e do extermínio para lidar com suas 'enfermidades' e 'patologias' sociais. (DUARTE, 2009).

O conceito de biopolítica é um dos principais legados teóricos de Foucault, tendo sido retomado e revisado pela reflexão de Giorgio Agamben, Roberto Esposito, François Ewald, Michel Sennelart, Michael Hardt e Antonio Negri, dentre outros. Com ele, Michel Foucault não apenas ofereceu uma ferramenta para pensar os fenômenos extremos do nazismo e do stalinismo, como também nos concedeu um importante instrumento para pensar as novas formas biopolíticas de controle neoliberal de populações. (DUARTE, 2009).

A proposta filosófica emanada por Michel Foucault vislumbra a reestruturação do sujeito perante as formas de controle. O filósofo alerta-nos que não se pode fugir do meio social, porém, os indivíduos devem criar sua própria identidade, autocontrolando-se e decidindo o melhor caminho a seguir.

Ao mergulharmos no emocionante pensamento de Michel Foucault acabamos nos tornando novos sujeitos pensantes, com fôlego renovado para nos aventurarmos em novos estudos filosóficos.

A perspectiva foucaultiana de visualização das relações de poder e consequentemente das relações sociais, nos envolve numa estrutura de difícil projeção mentalmente; porém, facilmente nos deixa incomodado com as forças coercitivas que aos poucos conhecemos no cotidiano de nossas vidas.

Particularmente à definição de corpos dóceis, que são corpos pré-programados para executarem funções, sem questionamentos. E que vivem graças às instituições que regulamentam os conceitos de si, para consigo. Michel Foucault inovou demonstrando a gênese desses corpos, por processos duramente planejados, ordenados, por estruturas que vigiam e que punem no campo social.

A sanção normalizadora, a vigilância hierarquizada, a ordem, o exame, a eficácia da disciplina. Todos esses conceitos abordados, não necessariamente nessa ordem, são características de mecanismos sustentados por uma base panóptica que distribui e institui o poder do vigilante aos vigiados. Corrigindo-os, punindo-os, para que perpetuem onde quer que andem, a disciplina das instituições originárias nas relações humanas.

É nesse contexto, que Michel Foucault utiliza-se do panóptico de Bentham, inicialmente como uma ferramenta rudimentar disposta a exercer a todo custo o encargo de vigiar e punir na sociedade. Talvez, o próprio Michel Foucault desconhecesse essa estrutura como um advento revolucionário quando integrado às Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs).

Atualmente a intensidade de penetração do poderio dessas instituições tomaram escalas globais de programação, apresentando-se em todos os tipos de relações sociais vestígios desse poder. Dessa forma, o brilhantismo do filósofo foca-se em nos alertar que mesmo vivendo integralmente em meio a essas relações de poder, o indivíduo torna-se sufocado para exercitar o que realmente é. A nossa natureza humana fica trancafiada nos corpos dóceis, a tal ponto, de necrosamos nossos próprios desejos e amores...

Michel Foucault promove assim como Friedrich Nietzsche uma filosofia para libertação dos corpos. Uma auto-reflexão de si para consigo, alertando os sujeitos das

armadilhas provenientes das escolhas, que muitas das vezes pensamos que são as únicas chances de conseguir concretizar nossos objetivos pessoais de vida.

No cerne dessa discussão, cabe a seguinte reflexão: as políticas que movimentam todo o conhecimento antropológico são as mesmas que instituem as disciplinas. Todo esse método tem como escapatória explicativa o progresso e a ordem. Porém, cabe destacar que para os sujeitos sociais se adaptarem com toda essa disciplina, são cabíveis de árduas punições, que na maioria das vezes extirpam a pureza de cada ser humano. Então, será que as disciplinas são realmente o caminho de progresso das nações? Será que existem outras maneiras de disciplinar que não seja, à luz da forma aplicada nos séculos XVI a XVIII?

As provocações pertinentes a esse estudo, são tidas como estopim para o exercício da reflexão filosófica.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2001.

BENTHAM, Jeremy. [et al]. O panóptico. Tomaz Tadeu (Org.). In: MILLER, Jacques-Alain. **A máquina panóptica de Jeremy Bentham**. Ed. 2ª. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2008.

BRIGHENTE, Miriam Furlan; MESQUIDA, Peri. Michel Foucault: corpos dóceis e disciplinados nas instituições escolares. **I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação – SIRSSE**. Pontífica Universidade Católica do Paraná. Curitiba, 2011.

CAMUS, Sébastien [et al]. **100 obras-chave de filosofia**. Trad. Lúcia Nathilde Endlich Orth – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. 2. Ed. São Paulo: Ed, 34, 2010.

\_\_\_\_\_. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

DUARTE, André. Foucault no século 21. **Revista Cult**. nº 134. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/foucault-no-seculo-21/>. Abril, 2009. Acessado em 24 de julho de 2014.

EWALD, F. **La Philosophia comme acte**. Le Magazine Littéraire. nº 435, p. 30-32, oct. 2004.

FERREIRINHA, Isabella Maria Nunes; RAITZ, Tânia Regina. As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas. **Revista de Administração Pública (RAP)**. 44 (2): 367-83, Rio de Janeiro. Mar/ Abr. 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. nº 21. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

\_\_\_\_\_. **O panóptico**. Tomaz Tadeu (Org.). Ed. 2ª. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2008. Resenha de: TRINDADE, Gabriel Garmendia da; NUNES, Lauren de Lacerda. O panóptico/ Jeremy Bentham. *Problema: R. Intern. Fil.* Vol. 02. No. 02. P. 343-349, 2011.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir**: nascimento a prisão; tradução de Raquel Ramallete. 40ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. (Org.). **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense/Universitária, 1995, p. 231-249.

FRAGOSO, Tiago de Oliveira. Modernidade líquida e liberdade consumidora: o pensamento crítico de Zygmunt Bauman. **Revista Perspectivas Sociais**. Pelotas, Ano 1, N. 1, p. 109-124, março/2011.

GODINHO, Eunice Maria. **Educação e disciplina**. Rio de Janeiro, RJ: Diadorim, 1995.

JAPIASSÚ, Helton. **Dicionário básico de filosofia**. 4 ed. Rio de Janeiro – Atual: Zahar, 2006.

PEREIRA, Antônio. **A analítica do poder em Michel Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PEREIRA, Claudio Lopes; SEGRE, Lidia Micaela; NASCIMENTO, Rejane Prevot. A ampliação das estruturas de controle por meio das tecnologias de informação e comunicação: a onipresença do “panóptico eletrônico” no setor bancário. **Caderno EBAPE.BR**, v. 11, nº 1, artigo 5, Rio de Janeiro, Mar. 2013.

REVEL, Judith. **Dicionário Foucault**. Trad. Anderson da Silva; Ver. Téc. Michel Jean Maurice Vincent. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

SIEBERT, Raquel Stela de Sá. As relações de saber-poder sobre o corpo. In: ROMERO, Elaine. **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas: Papirus, 1995.

SOUSA, Noelma Cavalcante; MENESES, Antônio Basílio Novaes Thomaz de. **O poder disciplinar uma leitura em vigiar e punir**. Saberes, v.1, n.4, Natal –RN, Jun, 2010.

REALE, Giovanni. **História da filosofia**: do Romantismo até nossos dias. São Paulo: Paulus, 1991.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. **À moda de Foucault**: um exame das estratégias arqueológica e genealógica de investigação. Rev. Lua Nova, 81: 215-248, São Paulo, 2010. VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. ed. 3. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.



**FIGURA 01** – Estrutura Panóptica idealizada por Jeremy Bentham  
Fonte: <http://www.fapro.edu.br/br/noticia/NoticialIntegra.aspx?idn=3415>



**FIGURA 02.** Panóptico Eletrônico (câmeras eletrônicas vigiando pessoas)  
Fonte: <http://petdirunb.wordpress.com/2012/04/18/o-que-as-cameras-nao-mostram/>

UNIEDUSUL  
EDITORIA

